

HAL VAUGHAN

Dormindo com o inimigo

A guerra secreta de Coco Chanel

Tradução

Denise Bottmann



Copyright © 2011 by Hal Vaughan

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Tradução publicada mediante acordo com Alfred A. Knopf, um selo editorial de The Knopf Doubleday Group, uma divisão de Random House Inc.

Título original

Sleeping with the enemy: Coco Chanel's secret war

Capa

Carol Devine Carson

Imagem de quarta capa

© Horst/ Courtesy: Staley/ Wise Gallery, Nova York

Preparação

Silvana Afram

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Huendel Viana

Marina Nogueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vaughan, Hal, 1928-

Dormindo com o inimigo : a guerra secreta de Coco Chanel / Hal Vaughan ; tradução Denise Bottmann — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Sleeping with the enemy : Coco Chanel's secret war.

Bibliografia

ISBN 978-85-359-1946-2

1. Chanel, Coco, 1883-1971 2. Espionagem alemã - História - Século xx 3. Estilista - França - Biografia 4. Guerra Mundial, 1939-1945 - Serviço secreto - Alemanha 1. Título.

11-08337

CDD-746.92092

Índice para catálogo sistemático:

1. Estilistas franceses : Biografia

746.92092

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Prólogo	11
1. Metamorfose — de Gabrielle a Coco.....	19
2. O perfume de uma mulher.....	27
3. O duque dourado de Coco	59
4. Uma diversão hollywoodiana.....	90
5. Sai Paul, entra Spatz.....	102
6. E então veio a guerra.....	127
7. Paris ocupada — Chanel refugiada.....	160
8. Dincklage encontra Hitler: Chanel se torna agente da Abwehr.....	187
9. Acuada pelos Wertheimer	198
10. Uma missão para Himmler	210
11. A sorte de Coco	240
12. O retorno de Chanel.....	271
Epílogo.....	290

<i>Notas</i>	295
<i>Bibliografia</i>	323
<i>Lista de imagens</i>	343
<i>Agradecimentos</i>	349
<i>Índice remissivo</i>	351

Prólogo

Apesar da idade, ela brilha; é o único vulcão em Auvergne que não está extinto [...] a mulher mais fulgurante, mais impetuosa, mais magnificamente insuportável que já existiu

Paul Morand, *The allure of Chanel*¹

Gabrielle Chanel mal fora deposta em sua elegante sepultura em Lausanne, na Suíça, quando a cidade de Paris anunciou que a esposa do então presidente Georges Pompidou, sua cliente e admiradora, iria inaugurar, em outubro de 1972, uma exposição oficial em homenagem à vida e obra da grande dama da *haute couture*. Logo antes, Hebe Dorsey, a lendária editora de moda do *International Herald Tribune*, havia publicado que essa “homenagem a Chanel” provavelmente seria cancelada, ou pelo menos adiada. Dorsey revelou que Pierre Galante, editor da *Paris Match*, apresentaria em breve documentos chocantes dos arquivos da contraespionagem francesa,² os quais revelariam que, durante a ocupação alemã de Paris, Chanel tivera um caso com o barão

Hans Günther von Dincklage, “um agente perigoso do serviço secreto alemão — provavelmente membro da Gestapo”.³

Chanel, o símbolo da elegância francesa, na cama com um espião nazista — pior, envolvida com um agente da odiada Gestapo? Para os franceses, em especial os judeus, os veteranos da Resistência e os sobreviventes dos campos de concentração das ss, os colaboracionistas eram párias, ou melhor, mereciam todo o desprezo. Sem dúvida, os círculos elegantes de Paris comentavam havia anos que Chanel vivera durante a ocupação com um amante chamado Spatz — “pardal”, em alemão — no chique hotel Ritz, onde altos dirigentes nazistas como Hermann Göring e Joseph Goebbels eram tratados com todas as atenções pela administração suíça do estabelecimento. Mas a Gestapo? Chanel não vestira madame Pompidou? Não fora homenageada no palais de l’Élysée? Como um ícone tão importante da sociedade francesa podia ter dormido com um “espião alemão”? Difícil de acreditar. Embora dezenas de milhares de colaboracionistas franceses tivessem escapado de punição, ter sido voluntariamente colaboradora e amante de um oficial alemão ainda recendia a traição em 1972. A ligação entre Chanel e Spatz teria durado mais de dez anos, levando uma observadora a comentar que Chanel “não se importava com a ideologia política, só queria ser amada e mandava a política para o inferno”.⁴

Dificilmente poderia ser mais inoportuna a celebração nacional da vida e da obra de Chanel. Ainda por cima, o editor americano Alfred A. Knopf acabava de publicar *Vichy France: old guard and new order — 1940-1944* [A França de Vichy: a velha guarda e a nova ordem], do historiador americano Robert O. Paxton. Esse estudo do governo de Vichy sob o comando do marechal Philippe Pétain ofuscou muitos estudiosos franceses em seu próprio campo acadêmico, e os irritou na mesma medida. Baseando-se em fontes dos arquivos alemães — visto que o governo francês vetara o acesso aos arquivos de Vichy —, a obra de Paxton provava que a

colaboração de Pétain com a Gestapo, esse grupo específico de nazistas sanguinários, tinha sido mais voluntária que propriamente imposta ao governo de Vichy.⁵

Para a máquina política da administração Pompidou, que encararia uma eleição dali a 24 meses, e para a organização Chanel, que enfrentava acusações de que sua fundadora mantivera vínculos com a Gestapo, a única opção era adiar a “homenagem a Chanel”. A biografia de Pierre Galante — programada para lançamento simultâneo em Paris e Nova York — trazia também sólidas provas incriminadoras da colaboração de Chanel com os nazistas. Ex-combatente da Resistência e marido da atriz inglesa Olivia de Havilland, o autor afirmava que suas informações se baseavam em fontes da contraespionagem francesa.

Toda Paris estava comentando o livro antes mesmo da publicação. Edmonde Charles-Roux, romancista ganhadora do prêmio Goncourt, ficou indignada com as revelações de Galante. Disse que eram absurdas: Dincklage “não estava na Gestapo”.⁶ Segundo ela, Spatz e Chanel tinham mantido apenas uma amizade carinhosa. (Madame Charles-Roux também estava escrevendo uma biografia de Chanel, e é de supor que não teve acesso às fontes de Galante.)

Marcel Haedrich, biógrafo anterior de Chanel, declarou que Spatz era apenas um *bon vivant* que “gostava de bons pratos, vinhos, charutos e belas roupas [...] graças a Chanel, ele teve uma vida fácil [...] esperava-a no salão [...] beijava a mão de Chanel e murmurava: ‘como está hoje?’” — e, como os dois conversavam em inglês, ela dizia: ‘Ele não é alemão, a mãe dele era inglesa’.⁷

O jornal da indústria de roupas de Nova York, *Women's Wear Daily*, perguntou a Charles-Roux em setembro de 1972: “Chanel, a maior costureira de Paris, foi realmente agente da Gestapo?”. Ela respondeu: “[Dincklage] não estava na Gestapo. Tinha uma missão aqui [em Paris] e realmente fornecia informações. Era um

serviço sujo. Mas temos de lembrar que estávamos na guerra e ele teve o infortúnio de ser alemão". Anos mais tarde, Charles-Roux viu que tinha sido enganada — manipulada por Chanel e seu advogado René de Chambrun.⁹

A libertação de Paris em agosto de 1944 começou com combates sangrentos nas ruas entre as tropas de assalto alemãs e um grupo desordenado de milicianos do general Charles de Gaulle, chamado de Forces Françaises de l'Intérieur (FFI) [Forças Francesas do Interior], que Chanel apelidou de "*les Fifis*". Juntaram-se à luta policiais civis e combatentes comunistas, os Francs Tireurs et Partisans (FTP). Alguns resistentes dispunham apenas de armas leves para combater as forças alemãs; outros portavam velhos rifles e revólveres da Primeira Guerra Mundial; alguns tinham coquetéis Molotov e armas tomadas aos "boches" tombados.¹⁰ Os combatentes de rua geralmente eram jovens estudantes de sandálias e mangas arregaçadas, exibindo os braços magros. As faixas no braço faziam as vezes de uniforme, indicando se eram das FFI, dos FTP ou da polícia.

Na última semana de agosto, o Exército Livre francês, equipado pelos americanos e comandado pelo general Leclerc — nome de guerra de Philippe de Hauteclocque —, veio em apoio à insurreição em Paris, e a guarnição alemã se rendeu. Depois de quatro anos de ocupação muitas vezes brutal, Paris tinha sido libertada — estava livre das ameaças de prisão, tortura e deportação para os campos de concentração. Os sinos das igrejas tocavam, apitos sopravam, as pessoas dançavam nas ruas. À exceção de algumas províncias, como a Alsácia e a Lorena, o país estava sob o comando da França Livre do general Charles de Gaulle.

Uma terrível sede de vingança tomou conta da nação nos últimos dias de agosto. Quatro anos de vergonha, de medo reprimido

do, de ódio e frustração vieram à tona. Cidadãos revanchistas percorriam as ruas das vilas e cidades francesas. Os culpados — e muitos inocentes — eram punidos em acertos de contas pessoais. Muitos supostos colaboradores foram espancados, outros assassinados. As “colaboradoras horizontais” — moças e mulheres que tinham mantido relações sexuais com alemães — eram arrastadas pelas ruas. Algumas tiveram a suástica marcada a ferro na carne; muitas tiveram a cabeça raspada. Colaboracionistas civis — inclusive alguns médicos que tinham tratado dos boches — eram mortos a sangue frio. Os mais afortunados foram presos, para ir a julgamento por traição. Por fim, os soldados do general De Gaulle e seus magistrados do governo provisório puseram termo a essa guerra intestina.

Monstro sagrado da moda do século xx, Chanel estava marcada para a vingança. Era a *épuration*, como diziam os franceses — um expurgo, uma limpeza das chagas da França, depois de tanto sofrimento e morte sob o jugo nazista.

Dias depois que os últimos soldados alemães saíram de Paris, Chanel se apressou em distribuir frascos de Chanel Nº 5 para as tropas americanas. E então foi detida pelos *Fifis* e levada por alguns rapazes truculentos a um quartel das FFI para interrogatório.

Foi liberada poucas horas depois graças à intervenção de Winston Churchill, operando por intermédio de Duff Cooper, o embaixador britânico no governo provisório de De Gaulle.¹¹ Passados poucos dias, ela escapou para Lausanne, na Suíça, onde Dincklage foi encontrá-la mais tarde — aos 48 anos, ele ainda era um belo homem. Chanel estava com 61.

O governo De Gaulle logo determinou que os magistrados criassem tribunais especiais para julgar os suspeitos de ajudar o regime nazista — conduta que foi tipificada como crime pelo

Código Penal francês. Entre os primeiros a ser julgados estavam o dirigente de Vichy, Philippe Pétain, e seu primeiro-ministro Pierre Laval. Ambos foram condenados à pena de morte por traição. De Gaulle poupou Pétain, devido à idade avançada, mas Laval foi executado.

No processo de depuração que se seguiu à guerra, os tribunais civis e militares da França examinaram um total de 160 287 casos. Entre os 7037 condenados à morte, apenas cerca de 1500 foram efetivamente executados. As demais sentenças foram comutadas em prisão.¹²

Passaram-se quase dois anos da Libertação antes que um tribunal emitisse um mandado “urgente” para levar Chanel à presença das autoridades francesas. Em 16 de abril de 1946, o juiz Roger Serre ordenou que a polícia e as patrulhas da fronteira a trouxessem a Paris para o interrogatório. Um mês depois, o magistrado determinou uma apuração completa das atividades dela durante a guerra. Não foram as relações de Chanel com Dincklage que chamaram a atenção de Serre. Na verdade, o juiz tinha descoberto que Coco cooperara com o serviço secreto do Exército alemão, e havia trabalhado com um traidor francês, o barão Louis de Vaufreland. A polícia francesa identificara o barão como ladrão e agente alemão durante a guerra, e o tinha registrado como um “V-Mann” nos documentos da Abwehr — o que significava, no código das agências de espionagem alemãs e da Gestapo, que ele era um agente de confiança.¹³

Serre, aos 48 anos e com mais de vinte de experiência como juiz, interrogou Vaufreland por meses. Mas foi pelos agentes da inteligência francesa que o magistrado ficou sabendo que Vaufreland e Chanel tinham colaborado com os militares alemães.¹⁴ Serre — investigador paciente e minucioso — aos poucos trouxe à tona detalhes do recrutamento de Chanel pela Abwehr, sua colaboração com Vaufreland e sua viagem a Madri em 1941

numa missão da agência de inteligência alemã, acompanhando o espião.¹⁵

Durante seu interrogatório e depoimento, Chanel alegou que as histórias de Vaufreland eram “fantasias”. Mas os documentos da polícia e do tribunal diziam o contrário:¹⁶ no verão de 1941, enquanto os combatentes da Resistência francesa atiravam nos alemães, Chanel era investida na posição de agente pela Abwehr. Cinquenta páginas de detalhes circunstanciados descrevem como ela e o agente F-7117 da agência de inteligência alemã — o barão Louis de Vaufreland Piscatory — foram recrutados como parceiros pelo tenente Hermann Niebuhr, pseudônimo dr. Henri Neubauer, para seguir numa missão de espionagem. A tarefa de Vaufreland era identificar homens e mulheres que pudessem ser recrutados, ou coagidos, a espionar para a Alemanha nazista. Chanel, que conhecia sir Samuel Hoare, o embaixador britânico na Espanha, por intermédio de suas relações com o duque de Westminster, Hugh Grosvenor, daria cobertura à missão de Vaufreland.

É de duvidar que o juiz Serre conhecesse toda a extensão e profundidade do envolvimento de Chanel como colaboradora dos oficiais nazistas. É pouco provável que ele tenha visto o relatório do serviço secreto britânico, documentando o que o conde Joseph von Ledebur-Wicheln, agente deserto da Abwehr, transmitiu aos agentes do MI6 em 1944. No arquivo, Ledebur contava que Chanel e o barão Von Dincklage tinham visitado a Berlim bombardeada em 1943, para que Chanel oferecesse seus serviços de agente ao Reichsführer da ss Heinrich Himmler. Ledebur também revelou que Chanel, depois de visitar Berlim, cumpriu uma segunda missão em Madri para o general das ss Walter Schellenberg, o chefe do serviço de inteligência das ss de Himmler. Serre nunca teria como saber que Dincklage era agente do serviço secreto militar alemão desde antes da Primeira Guerra Mundial: agente F-8680 da Abwehr.¹⁷

Também é improvável que o juiz Serre tenha descoberto a que ponto ia a colaboração de Chanel com os nazistas durante a ocupação de Paris, ou soubesse que ela era agente paga de Walter Schellenberg. E ignorava que Dincklage trabalhava para a Abwehr e a Gestapo na França, para a Abwehr na Suíça e depois em Paris sob a ocupação.¹⁸